

LIVRO 1

# ACADEMIA

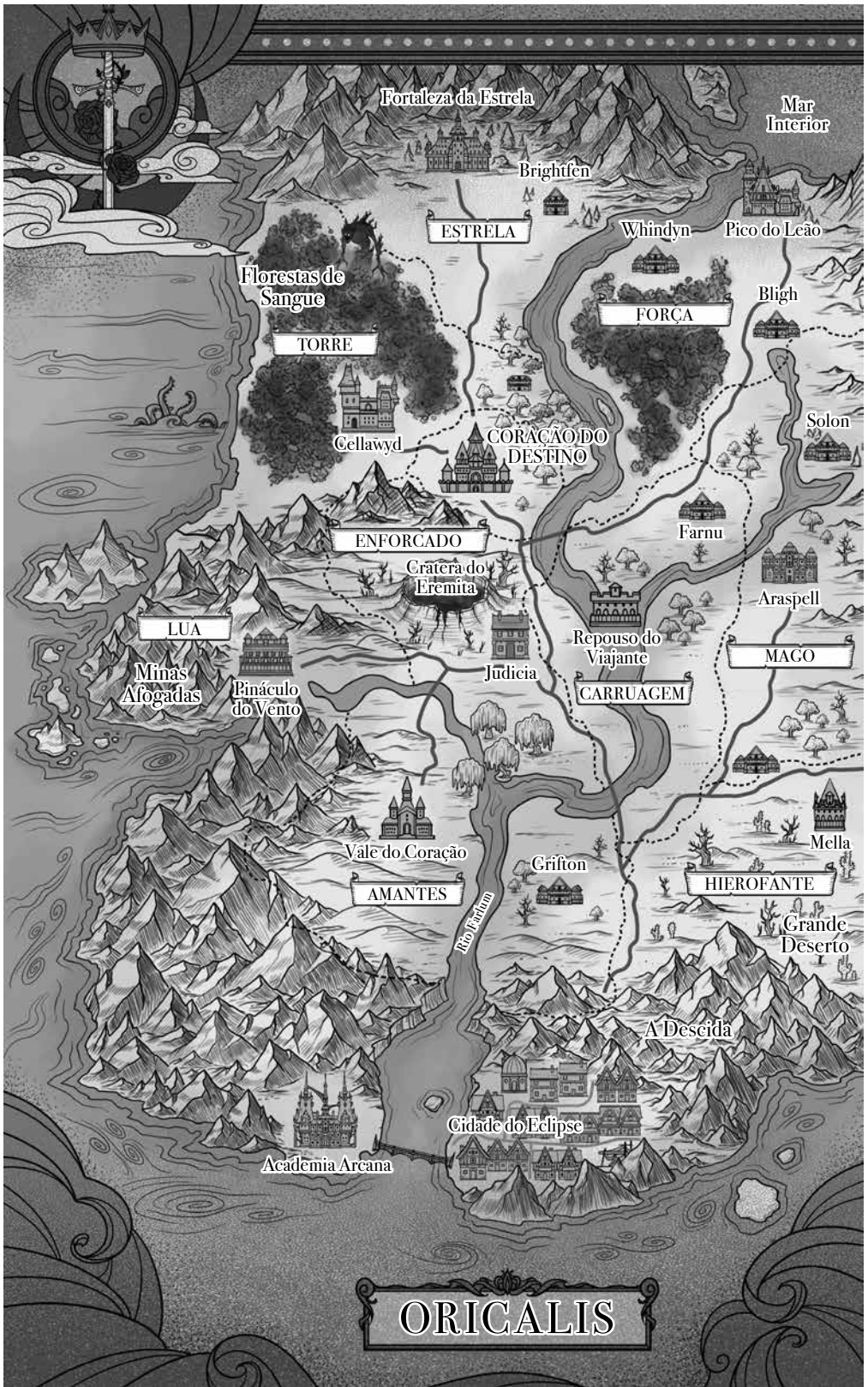
# ARCANA

ELISE KOVA



ARQUEIRO

Para Jenny  
Obrigada por acreditar em mim.



# CIDADE DO ECLIPSE

Academia Arcana

Rio Farlum





# A Descida

Monte do Destino

Marcha do Louco

Colina de Ouros

Clube dos Videntes

Mansão dos Malfadados

Clube dos Malfadados (ruínas)

Parque do Rio

Praça principal

Degraus de Pedra

Mansão de Ravin

Distrito Dourado

Cidade dos Ratos

Halazar

Mansão de Silas

Antro da Ruína

Rua das Estrelas

Rua da Prata

Antigas ruínas

Cemitério



**C**eder ou morrer. Na Prisão de Halazar, é uma coisa ou outra. Eu me recuso a fazer qualquer uma delas.

Dois guardas se aproximam da minha cela. O homem à frente carrega um lampião irritantemente intenso. Depois de quase um ano sem ver a luz do sol, um mero lampião faz meus olhos arderem.

*É cedo demais para virem me buscar de novo.* Imagino que vão passar reto, porém eles param na minha porta. Não reconhecem nenhum dos guardas, mas o carcereiro Glavstone nunca os mantém por muito tempo – qualquer pessoa que passar tempo demais aqui pode acabar sabendo mais do que deve.

– Clara Graysword?

Graysword – o sobrenome dado a todas as crianças órfãs e indesejadas na Cidade do Eclipse. O sobrenome que apresentei quando fui capturada. O sobrenome que informava ao mundo que eu não tinha uma família para arruinar comigo.

Como resposta, levanto a cabeça.

– Você está sendo convocada para uma audiência.

O homem ergue o lampião mais alto, como se tentasse me enxergar melhor através das barras. Para o azar dele, fui deixada aqui para apodrecer, o que se reflete no meu semblante.

– Que formal. – Minha voz falha; minha garganta está mais seca do que cinzas de teixo. – Com quem?

Os guardas não respondem, apenas enfiam uma chave no cadeado pesado da porta.

Esse cadeado costuma ser aberto apenas uma vez por semana, e eles vieram três dias atrás. Só me permitem sair para ser levada a uma salinha escondida e apertada no escritório de Glavstone, onde pinto cartas de tarô para ele em troca dos poucos luxos que se pode obter nesta tumba. Mas eu faria de graça. Assim, mantenho minha mente afiada e minhas mãos ágeis para quando sair daqui.

Porque, seja por habilidade própria ou porque minha família veio me resgatar, eu vou sair. *Me recuso a morrer aqui.*

Os homens dão um passo para o lado e eu me espremo entre eles. Quando meus olhos se adaptam à luz, vejo o lugar em que estive presa com mais clareza do que nunca – mais do que eu gostaria, para ser sincera.

*Pelos Vinte Arcanos Maiores, Halazar é realmente horrenda.*

As paredes são cobertas de sujeira, sangue e outras substâncias que é melhor nem pensar o que podem ser. Só imagino o fedor que empestieia o ambiente, afinal meu nariz tem sido castigado pelo odor há tanto tempo que não consigo sentir o cheiro de mais nada.

Os outros prisioneiros sibilam quando passamos, depois se encolhem por causa do brilho ofuscante do lampião e recuam para a segurança das sombras. Reduzidos a animais, as roupas esfarrapadas assim como as minhas, eles rastejam de quatro pela imundície.

A mente e o corpo dos encarcerados definham na escuridão. Esta é a prisão mais desoladora de todo o reino de Oricalis, o lugar para onde são enviados os piores dos piores: assassinos, estupradores, abusadores de inocentes e aqueles como eu... que tiveram a *ousadia* de usar o arcano sem estar sob o controle da Coroa.

Sou conduzida por uma passagem que não conheço e depois subimos uma escadinha estreita. O guarda atrás de mim toca o punho da espada, mas não se dá ao trabalho de sacá-la. Não há necessidade de ameaças explícitas. *Para onde você iria?*, é a pergunta que paira no ar.

No topo da escada, uma lufada de vento gélido sopra de uma fenda na parede e açoita meu rosto. Observo o rio revoltado pela abertura estreita. É hora do crepúsculo, ou talvez a alvorada – com o céu nublado, é difícil dizer. Mesmo assim, me pego semicerrando os olhos. Tudo que

vejo são montanhas, então estamos seguindo para o oeste, para longe da cidade.

Inspiro um ar tão puro que queima meus pulmões. Fui reduzida a uma criatura sórdida que nem consegue mais respirar ar limpo.

– Não mandei parar – diz o guarda às minhas costas, me dando um empurrão.

Cambaleio e me apoio na parede para não cair, quebrando uma das unhas frágeis até o sabugo. Meu corpo está tão maltratado que mal registra a dor.

Paramos diante de uma porta que nunca vi. Entalhada na superfície, uma única espada emerge de um campo de nuvens. A ponta da arma carrega uma coroa e a lâmina é envolvida por uma treliça de galhos de roseira.

A imagem é inconfundível: o Ás de Espadas. O primeiro do naipe. Símbolo da família real de Oricalis. De cada lado da porta estão dois cavaleiros em armadura prateada. Não são guardas da cidade nem da prisão, mas *cavaleiros reais* – Stellis, como são chamados. Uma organização de elite dos melhores guerreiros do reino, jurados para proteger a Coroa e executar suas leis. A única coisa que se equipara à sua força e habilidade, pelo que dizem, é sua brutalidade. Plumaz muito brancas e muito pretas se projetam de trás de leques ornamentais formados por pequenas espadas entalhadas de cada lado do elmo.

Por um momento não estou mais em Halazar, e sim de volta a minhas últimas horas na Cidade do Eclipse, quando Stellis em armaduras idênticas me seguraram diante de um juiz do Clã do Enforcado. Lembro do chão gelado contra a minha bochecha, contrastando com o calor abrasador da minha vergonha. Eu tinha sido avisada sobre a armadilha, mas mesmo assim eu fui.

Preciso de toda a minha força para continuar calma e impedir minhas mãos de tremerem. E para me manter no presente. As palavras do juiz ecoam em minha mente: *Por decreto da Coroa, você está condenada à prisão perpétua em Halazar.*

– Alteza, a prisioneira – anuncia o Stellis através da porta.

*Alteza? Não. Não, não, não.* A vontade de sair correndo quase me domina.

– Tragam-na – exige uma voz que é pouco mais do que um sussurro de sombras e não mais calorosa que a noite mais escura do inverno.

A porta se abre, revelando um cômodo extravagante que não deveria existir em Halazar. De cada lado da porta, há quatro armários feitos de teixo. É sinal de luxo usar essa madeira para móveis em vez de queimá-la a fim de criar pó para tinta. Pesadas cortinas de veludo protegem o local do frio, deixando entrar só alguns feixes de luz.

A opulência é chocante. Um homem em roupas igualmente luxuosas, tingidas de um preto escuro como breu, reclinase em uma das duas poltronas, os pés apoiados nas costas do próprio Glavstone.

Os braços musculosos do carcereiro tremem sob o peso dos calcanhares do homem – e dos mil cortes que cobrem seu corpo. A palidez de sua pele cria um forte contraste com o sangue, realçando a brutalidade.

Eu teria sorrido de satisfação ao ver o carcereiro reduzido a esse estado se cada pelo do meu corpo não estivesse arrepiado. *Perigo*, parece sussurrar o ar ao redor do homem na poltrona. Até a luz parece temê-lo.

É o príncipe Kaelis, o segundo de três filhos do reino de Oricalis, usuário do arcano invertido e diretor da Academia Arcana. O príncipe que destróu um clã nobre inteiro. O homem cujo nome é, em Oricalis, sinônimo de desespero. O homem que eu tenho todos os motivos para acreditar que matou minha mãe... E o homem que me jogou na prisão.

– Clara Graysword – diz o príncipe, devagar, como se fosse doloroso.

Se “Graysword” o incomoda, eu adoraria vê-lo pronunciar meu nome de nascença. Mas meu verdadeiro nome é um dos meus segredos mais bem guardados.

– Vossa Alteza Real. – Forço meu tom a sair monótono, até entediado, como se não tivesse passado cada dia do último ano o amaldiçoando e tramando minha vingança contra ele.

– Sente-se – ordena ele, com um sorrisinho de desdém.

Quero cuspir na cara dele, mas obedeço, entrando e contornando a poça de sangue sob o carcereiro. Quando passo, vejo melhor os ferimentos dele. São inúmeros cortes, talhos perfeitos – e todos limpos, rasgando até sua jaqueta de couro grossa. Já tinha ouvido falar sobre a destruição que o Cavaleiro de Espadas pode causar nas mãos de um Arcanista habilidoso, mas nunca vira seus efeitos – e nunca odiei ninguém a ponto de querer usar essa carta contra uma pessoa.

Até conhecer Kaelis.

Sentada à frente do príncipe, eu o observo tão abertamente quanto ele me encara.

Tudo em Kaelis é severo, como se um artista tivesse sido desafiado a criar a interpretação de masculinidade mais brutal possível. Suas botas de couro preto envernizado brilham com um acabamento quase espelhado. A calça justa delinea suas coxas fortes. Mal se nota a camisa preta com colarinho embaixo do enorme casaco bordado com mil espadas em fios de prata. E ele usa uma correntinha de pescoço em aço plano e cinza-escuro, com um pingente em formato de espada com uma coroa no punho. O cabelo escuro, de um púrpura quase preto, cai ao redor do rosto em ondas bagunçadas, lançando uma sombra perpétua sobre seus olhos.

Kaelis emana poder e controle, um forte contraste com meu estado. Meus ossos se projetam sob a pele fina. Meu cabelo, que já não era marcante nem em textura nem no tom castanho-escuro, foi retalhado de qualquer jeito até as orelhas, já que é impossível mantê-lo desemaranhado nas profundezas de Halazar. Meu uniforme de prisioneira parece estar colado em meu corpo desde o dia em que cheguei – e é porque está mesmo.

– Se você sabe quem sou, deve imaginar o motivo para minha presença aqui. – Kaelis levou a ponta dos dedos aos lábios finos.

– Tenho minhas suspeitas, Vossa Alteza. – O título tem gosto amargo em minha boca.

– Ótimo. E que bom que ainda consegue manter uma conversa. Halazar costuma deixar as pessoas... mais caladas – murmura o príncipe.

*Caladas?* Ele quer dizer dilaceradas. Destruídas. Não que eu tenha muita compaixão pela maioria das pessoas dentro destas malditas paredes, mas há um número razoável delas que, como eu, foram punidas apenas pela ousadia de tentar construir uma vida melhor para si mesmas e seus entes queridos.

Kaelis enfia a mão no casaco e pega um baralho, cada carta pintada à mão com detalhes de tirar o fôlego. As cores, os símbolos... cada pincelada é impecável. O baralho se encaixa perfeitamente em seus dedos longos e elegantes. Um tarô à altura de um príncipe. É insuportável pensar que alguém como ele pode criar algo tão belo.

O que eu não daria para ver cada carta de perto! Mesmo diante de um homem se esvaindo em sangue e de meu pior inimigo, só consigo me concentrar na arte deslumbrante. Minhas mãos estremeçam enquanto o príncipe embaralha as cartas, sacando uma com um floreio dramático em vez de invocá-la do baralho com magia.

– Tenho algumas perguntas a lhe fazer, Clara. E, embora tenha certeza de que você seria um exemplo de sinceridade, receio que não posso confiar na palavra de uma condenada. – Ele põe a carta selecionada na palma da mão.

O Nove de Espadas: uma mulher deitada na cama, parcialmente coberta por um lençol, com nove lâminas prendendo-a ao colchão e o rosto retorcido de agonia.

Kaelis deve ter levado quase um dia inteiro para pintar esta carta. O nível de detalhes – e o poder imbuído nela – é incrível. Mas o horror compete com a admiração, porque sei o que ela significa e sei o que vai acontecer aqui. Fiquei surpresa quando não a usaram contra mim no julgamento, mas sempre presumi que fosse porque meu destino já estava selado bem antes disso. Por que eles desperdiçariam uma carta em alguém como eu?

– Por favor – diz ele.

Como se eu tivesse escolha. Tomo coragem e apoio a mão sobre o Nove de Espadas.

Há um lampejo prateado – e então chamas brancas frias incineram a carta. O fogo se transforma em nove fios de luz e sombra que atravessam minha mão e a dele, conectando-as, mas sem provocar dor. O príncipe me fita com intensidade.

Um calafrio me atravessa, e me perco por um instante enquanto a magia toma o controle. A tensão em meu corpo negligenciado e maltratado começa a ceder. *Relaxe*, diz a magia da carta, *ceda...*

– Seu nome?

– Clara – respondo, embora Kaelis já saiba disso. Uma das nove espadas cintilantes desaparece.

– E por que você está aqui, Clara? – Ele está me testando.

– Por pintar, vender e usar cartas de tarô ilegalmente, sem ser formada na Academia Arcana e sem fazer parte de um clã.

As palavras parecem não vir de mim. É como se fossem forçadas a sair por fios invisíveis se movendo na minha garganta.

Outra espada desaparece.

Eu me contenho, mas deveria acrescentar que, se não fosse por ele, sua família e suas leis controlando o ensino e o uso do arcano, pessoas sem recursos como eu não seriam obrigadas a recorrer a tais medidas. E que, graças a pintores ilegais como eu, o povo comum do reino ao menos tem uma ideia de como o arcano poderia mudar sua vida para melhor.

– Pintar cartas ilegalmente a mandou para Halazar. – O príncipe solta um muxoxo. – E o que você fez, depois de ser presa por esse crime?

– Pinte cartas sob o comando do carcereiro Glavstone. – A terceira espada desaparece.

– Sua desgraçada – rosna o carcereiro, seus olhos amarelados me fulminando como se *eu* o tivesse traído.

– Acho que sou mesmo – respondo casualmente.

Penso ouvir um riso contido, mas então Kaelis balança a cabeça e qualquer sinal de divertimento se desvanece.

– Quantas cartas você pintou para o carcereiro no último ano?

– Centenas, talvez mil. – A resposta é vaga mas sincera. Não contei.

– Havia dias em que passava horas fazendo isso. – A quarta espada desaparece.

– De quais naipes?

– Todos os menores. – *Agora a quinta.*

– Algum Arcano Maior?

– Não sei pintar Arcanos Maiores. Ninguém sabe – respondo com simplicidade. *A sexta.*

Essa magia se perdeu há muito tempo, se é que um dia existiu, e agora está relegada ao folclore.

Um sorrisinho se insinua no rosto dele.

– Você teria pintado um Arcano Maior se soubesse como?

– Eu teria tentado – admito.

Minha mãe, minha professora nos arcanos, me aconselhou a nunca tentar fazer isso, pois ninguém jamais conseguiu, então era melhor focar meu talento em outras áreas e, se algum dia eu conseguisse, só teria infortúnios.

Mas eu sempre tive dificuldade em seguir instruções quando a oportunidade se apresentava. Se fizesse a menor ideia de como começar, sei que teria tentado.

Faltam duas espadas.

O príncipe Kaelis inclina a cabeça, me estudando como se eu fosse um pequeno animal.

– Bem, então parece que você não aprendeu a lição no tempo que esteve aqui – diz ele, com seriedade. – Pessoas como você, que põem em risco a ordem cuidadosa do arcano, que são um perigo para a sociedade ao colocar o poder nas mãos de gente não treinada para usá-lo... e que não aprendem com seus erros... precisam ser punidas. Como você acha que devo puni-la?

– Com misericórdia. – Nem eu consigo evitar o vislumbre de um sorrisinho.

Kaelis bufa de novo, e o sorriso astuto que tem no rosto (como o de um gato prestes a dar o bote) se torna largo e predatório. Falta uma espada, uma última pergunta. Temo que ele tenha guardado a pior para o final. Me preparo para o que vem a seguir.

– Quem foi?

– Quem foi o quê?

Uma pontada de dor atravessa minha mão e percorre meu braço. O custo de não responder.

– Quem na Academia Arcana lhe deu acesso aos meus recursos, a você e à pequena operação da qual você fazia parte?

Cerro a mandíbula com tanta força que chega a estalar. Meus dentes doem. *Não. Não!*, insisto. Não direi o nome dela. Nem quando parece que uma faca invisível está esfolando lentamente a pele do meu braço desde o punho até o ombro.

– Eu... eu... – Tento evitar a pergunta.

A dor anuvia meus pensamentos. Meu braço parece ter sido mergulhado em ácido fervente.

Kaelis tira os pés das costas de Glavstone e se inclina na minha direção. A luz da magia perfurando nossas mãos torna fantasmagóricos os contornos pálidos do seu rosto e aprofunda as sombras nos côncavos das faces e sob os olhos.

Olhando para Kaelis, é fácil se perguntar se os boatos são verdadeiros e se o príncipe é um nascido do vazio – um usuário do arcano invertido,

uma abominação que só existe nos mitos. E que, com a magia deturpada de uma daquelas cartas, ele pôs fim ao Clã Ermitão, reduzindo-o a uma mera lembrança.

– Responda.

Continuo em silêncio, a mandíbula cerrada. Assumi a culpa para que mais ninguém que eu amo precisasse fazê-lo. Não vou perder outra pessoa importante para mim. Não por causa *dele*.

– Admito, estou impressionado por você conseguir suportar tanta dor, considerando o estado deplorável em que se encontra.

Faço uma careta. As espadas sob minha pele alcançaram meu peito e estão escavando meus pulmões.

– Mas você sabe que a dor só vai piorar. Então responda, Clara: quem roubou os recursos da Academia Arcana?

– Uma... aluna...

Há um breve segundo de trégua, mas a espada brilhante perfurando minha mão não desaparece, e a dor também não.

Por algum motivo, minha teimosia faz surgir uma centelha de divertimento nos olhos dele. Apesar disso, Kaelis insiste.

– Um nome, você sabe que eu quero um *nome*.

– Clara é um nome. – Me esforço para pensar em jeitos inteligentes de evitar uma resposta.

Minha garganta dói enquanto me esquivo da verdade que a magia sabe que ele quer. Mil facas se cravam em meus músculos, estrelas explodem na minha visão. Estou tão fraca que a dor quase me faz desmaiar.

Os dedos dele se apertam ao redor dos meus e nossas mãos estremecem. É como se Kaelis estivesse prendendo fisicamente minha consciência evanescente ao corpo.

– Qual é o nome do aluno ou dos alunos que te deram acesso a instrumentos de pintura reservados à Academia? – rosna o príncipe.

– Arina.

O nome escapa de mim como a flecha de um arco, ascende alto sobre a Prisão de Halazar e cruza o rio até a fortaleza da Academia. Até onde minha irmã mais nova – minha única parente viva – ainda estuda. Mas provavelmente não por muito tempo. Minha fraqueza acabou de condená-la à morte. Um horror gélido me inunda, mais cruel que um inverno brutal.

– Ótimo. Eu já imaginava. – O príncipe afasta a mão e a luz prateada esvanece.

A dor passa, mas o peso do mundo recai sobre mim. Preciso de toda minha força para me impedir de desabar contra a cadeira.

Ele se levanta, assomando-se diante de mim.

– Agora, só resta uma coisa.

Quando ergo os olhos, nem tento esconder o ódio. Mas minha aversão só o deixa mais empolgado. *Seu doente.*

– Eu a condeno à morte ao sol poente, Clara Graysword. – A declaração visivelmente lhe traz imensa alegria.

– O quê? – O choque suaviza minha voz.

Eu estava condenada a morrer aqui... mas ainda estava respirando. Estava tramando uma fuga. Por menores que fossem minhas chances, havia esperança.

Kaelis se vira para a porta, estalando os dedos para os Stellis, que pegam Glavstone e o levam para fora da sala.

O príncipe olha por cima do ombro.

– Aproveite sua última hora de vida, traidora do arcano.

A porta se fecha com um baque, trancando-se atrás dele.



Uma hora. Não é muito tempo, mas será o suficiente para me recompor e planejar meus próximos passos.

Engulo em seco e me recosto na cadeira. Entrar em pânico só vai desperdiçar minutos preciosos em ações inúteis. Arina precisa que eu me mantenha calma e estratégica. Fugir daqui e avisá-la pode ser a única coisa capaz de evitar que ela sofra uma morte terrível nas mãos de Kaelis – ou, pior, que seja marcada e enviada aos moinhos.

Primeiro vou até os armários. Estão trancados, claro, mas as fechaduras são tão frágeis que mais parecem decorativas. Voltando às poltronas, arranco um prego do estofamento de cetim. O tamanho é suficiente para alcançar o mecanismo simples da tranca dos móveis. Com o prego e um pouco de força bruta, a fechadura cede e a porta se abre.

No primeiro armário há garrafas e mais garrafas de vinho empoeiradas. Passo para o seguinte, que tem tantos livros sobre o arcano que preciso me impedir de começar a folhear imediatamente.

*Bem, se vou morrer mesmo, é melhor partir com um bom livro em mãos e caindo de bêbada.*

*Terceiro armário...*

– Isso! – Abro um sorriso de orelha a orelha quando a terceira porta se abre. Faz tanto tempo que não sorrio que chega a doer. – Kaelis, seu idiota.

Arina sempre reclamava que o príncipe não deixava nada passar, o que

dificultava conspirar na Academia. Com base nas evidências à minha frente, eu discordo.

A não ser que... ele *queira* que eu encontre esses objetos e, por isso, me deixou aqui sem supervisão. É uma possibilidade. Mesmo se for o caso, isso não vai mudar minhas ações quando a alternativa é a morte certa. Vou aproveitar essa chance.

O armário está cheio de instrumentos de pintura: pincéis de cabelo humano de todos os tamanhos, latas de pigmentos raros e garrafas de óleo prontas para serem misturadas com uma espátula de paleta... E os meus favoritos: potes de tinta e canetas de pena.

Cartas em branco ocupam uma prateleira inteira. Corro o dedão pelas bordas, saboreando a sensação do papel. É o sonho de uma pintora de tarô.

Não me dou ao trabalho de cobrir meus rastros. Não há tempo. Minha única chance é me afastar de Halazar o máximo possível, o mais rápido possível.

Pintar uma carta, mesmo um desenho simples, com o mínimo necessário, pode levar quase dez minutos. Enquanto disponho os instrumentos no chão, penso naquelas em que sou mais habilidosa. *Tenho tempo para fazer três*, decido, e começo a trabalhar.

Pego duas latas de pó, uma de Ouros e uma de Copas, mas ambas estão vazias. Praguejando, pego uma terceira, de Paus, também vazia. A única que ainda tem um pouco de tinta é a quarta. Encaro o pó obsidiana iridescente. Espadas... Inútil para o que preciso fazer.

Mas vou dar um jeito, mesmo que pareça impossível.

Cada naipe exige seu próprio pigmento. Todo Arcanista que já conheci só consegue pintar cartas de Espadas com o pó feito das penas dos falcões das Montanhas Estéreis, Ouros com as frutinhas secas e trituradas do Grande Deserto, Paus com as cinzas de teixos das Florestas de Sangue infestadas de monstros, e Copas com cristais esmagados coletados das profundezas das Minas Afogadas. Ser capaz de pintar qualquer naipe com qualquer pó é um dom, como diria minha mãe. Não que ela conseguisse fazer isso. Por mais que eu tenha tentado, nunca consegui ensinar a ninguém.

Jogo o pó em dois potes de tinta e o misturo com algumas gotas de água de uma garrafa que também encontro no armário. Em seguida, espeto a ponta do dedo com uma caneta-tinteiro. Uma gota de sangue brota ao

redor do metal. Posiciono o dedo sobre o pote, deixando o sangue pingar na tinta.

Para Arcanistas, sangue não é uma parte necessária do processo, mas foi a única maneira que encontrei de usar um pigmento feito para um naipe e desenhar outro. Minha mãe me ensinou a deixar a magia fluir organicamente e a permitir que as cartas sejam uma extensão de mim. Descobrir essa técnica para a mistura de pigmentos foi um golpe de sorte.

Usando a tinta imbuída com meu poder, começo a desenhar. Mesmo com um relógio tiquetaqueando no fundo da mente, minha mão permanece firme. Já fiz isso tantas vezes que é instintivo. Antes de saber ler, eu já desenhava.

Pintar cartas se tornou minha salvação. A primeira vez que me vi sozinha e faminta, aos 13 anos, segurando a mão de Arina, muito tempo depois que nosso pai foi embora e com nossa mãe já morta, percebi que podia transformar minha habilidade em comida e proteção. Arina seguiu meu exemplo, minha irmãzinha rebelde e teimosa.

Assim que as três cartas estão prontas, enfio duas na faixa ao redor dos meus seios. A terceira eu aperto contra o peito e, com uma explosão de luz esmeralda, ela é absorvida pela minha pele. A magia inunda meu corpo, preenchendo-o e fortalecendo-o.

O Valete de Ouros concede habilidade em uma tarefa ao longo de um dia. No momento, preciso ser uma especialista em escalada. O que me falta em força física, vou compensar em destreza.

Abro as cortinas, piscando na luz acinzentada. Ao longe, vejo a silhueta cintilante da Cidade do Eclipse. Está próxima o suficiente para ser alcançada a nado, mas longe o suficiente para que só um tolo tenha a audácia de enfrentar as eternas águas brancas onde o rio Farlum encontra o mar.

Hoje eu sou um desses tolos.

Abro uma das outras janelas, encaro a parede alta da prisão e engulo em seco. Quanto mais olho, mais longe a água parece. É alto demais para pular.

Quando passo a perna sobre o peitoril, penso: ainda que eu tenha uma sorte anormal, *isso é suicídio*. Mas estou desesperada e sem opções. Mesmo se estiver jogando o jogo do príncipe, vou arriscar e morrer lutando.

Sinto a magia do Valete de Ouros atravessando meu corpo enquanto começo a descer a parede. A rocha gelada entorpece meus dedos, mas

continuo segurando firme. Os pés encontram apoio na pedra rachada e açoitada pelo vento. Graças à carta, sei exatamente como distribuir meu peso e tensionar os músculos trêmulos para compensar a força que perdi. Avanço pouco a pouco.

Então uma lufada de vento atinge a lateral da prisão e a parede cede sob meus pés. Desequilibrada, eu me balanço para o lado. Um grito arranha minha garganta, mas o engulo. O mundo gira enquanto olho para baixo e percebo a distância até as rochas escarpadas e o rio. Tensionando os músculos, me esforço para puxar o corpo contra a parede. Meu nariz começa a sangrar, o que ainda é melhor do que a alternativa.

Se eu não tivesse conseguido sustentar a mim e Arina ao pintar cartas ilegalmente, como a filha mais velha da casa, eu teria escalado paredes assim, subindo e descendo o grande abismo conhecido como a Descida para coletar penas dos falcões raros que se empoleiram lá e que são transformadas em tinta. Escalaria até as unhas caírem e os dedos dos pés quebrarem. Até os dedos das mãos cederem e eu despencar no cânion, meu nome e rosto perdidos em meio à névoa do abismo da Descida para sempre.

Foi o destino da minha mãe, ou pelo menos foi o que os fiscais de magia me contaram – uma mentira em que nunca acreditei. *Ela foi assassinada.* A corda dela foi cortada. Mas por quem e por quê? Ainda não sei. Tentar desvendar a verdade e me vingar foi o que me meteu nessa roubada.

Continuo a descer, confiando no Valete de Ouros, na minha própria magia e força. E, enquanto meus músculos tremem e ameaçam ceder, penso em todos os modos como Kaelis poderia ferir Arina. Mesmo que minha irmãzinha teimosa nunca fosse admitir, ela precisa de mim.

Finalmente alcanço o chão. Só quero desabar e recuperar o fôlego, mas me obrigo a continuar em movimento. Imagino que já se passaram 45 minutos da minha última hora de vida, e o príncipe Kaelis é o tipo de homem que me buscaria mais cedo. Se eu ainda estiver na Ilha-Prisão de Halazar quando ele perceber que fugi, estarei morta em minutos. Minha única esperança é alcançar o rio antes que isso aconteça.

Não muito longe daqui, avisto um barco. O príncipe chegou nele, talvez? É pequeno o bastante para ser remado por uma pessoa, e não vejo ninguém por perto. Estou prestes a ir até a embarcação, agradecendo meu golpe de sorte, quando paro. *É fácil demais.* Se Kaelis estiver me testando, é uma

armadilha. Se não estiver, um barco me deixaria muito exposta de qualquer forma.

Fraca como estou, nadar é uma insanidade, mas ainda é o jeito mais seguro.

Pego uma das duas cartas restantes, puxando o Ás de Copas. Coloco a carta sobre a superfície da água e a toco de leve. Gotículas se erguem e formam um arco ao meu redor, envolvendo-me com puro poder. Fecho os olhos e inspiro a magia ancestral da carta, a primeira do naipe. Seu poder me dá domínio sobre a água.

Cada Arcano Menor é governado por um elemento: Paus é fogo, Espadas é ar, Ouro é terra e Copas é água. As cartas Dois até o Rei têm cada uma suas propriedades únicas... mas o Ás? Ele é o começo, a essência primordial do naipe.

Respirando fundo e exalando com meu mantra (“A sorte está do meu lado”), eu mergulho.

A água está gelida e tira o ar dos meus pulmões. Apesar disso, chuto com força para manter a cabeça acima da superfície. O esforço me aquece o mínimo necessário e, com o poder do Ás me dando um leve controle sobre o elemento água, consigo cruzar as ondas menores sem esforço – mas as maiores ainda são um desafio.

Perco a noção do tempo. A esta altura, o príncipe com certeza sabe que sumi e está procurando por mim. Viu as evidências e deduziu o que fiz, se é que já não está me rastreando.

*Continue nadando*, ordeno a mim mesma com cada arfada. Minha força está se esvaindo e a magia junto com ela. A correnteza ameaça me puxar para baixo. E a cidade ainda está tão longe...

Lembranças preciosas do Clube dos Malfadados me dão força. *Meus amigos. Não, minha família.* Bristara abrigou a mim e Arina, nos deu esperança. Mesmo nos dias mais sombrios em Halazar, meus pensamentos se voltavam para Arina, Gregor, Ren, Jura, Twino, Bristara... Mesmo quando minha mente insistia que eles tinham desistido de mim, meu coração se recusava a acreditar. *Eles estão esperando por mim. Contando comigo.*

Uma onda me arrebatou. Sou arrastada a um lugar onde só uma escuridão fria e opressiva espera. Ali, nas águas turbulentas, meus pesadelos

espreitam e se tornam realidade, ameaçando arrancar o último fôlego dos meus pulmões.

Mas, por mais escura que seja a noite, me recuso a abandonar a esperança na aurora.

Toco o peito, onde a última carta está guardada. Meu desenho mais popular. Já devo ter criado milhares de cartas com esse desenho. O Nove de Copas – a carta dos desejos, uma chance de fazer uma pequena alteração no meu destino.

*Me salve.*

O Nove de Copas se mistura com o resto do pó do Ás. As águas se abrem e eu emergo novamente com uma explosão de magia azul-arroxeadada. Inspiro profundamente, recuperando o fôlego, e continuo chutando. O litoral não está mais tão longe e, se conseguir manter a cabeça acima da superfície, vou alcançá-lo. Está *tão perto*.

É quando sinto um *zing* de magia vindo por sobre as ondas e escuto um barco atravessando a água. Minha sorte estava fadada a acabar em algum momento...

É meu pior temor comprovado. *O desgraçado sabia que eu ia escapar.* Aposto que sabia que ia me matar desde o dia do julgamento e só me deixou apodrecer primeiro em Halazar simplesmente porque tinha esse poder. Tudo que Arina disse sobre Kaelis é verdade.

*Minha vida não passa de um jogo pra ele* é meu último pensamento antes de ser atingida por magia. Com uma explosão de agonia, meus músculos se contraem, uma onda me cobre e o mundo escurece.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)



Este e outros títulos do nosso catálogo estão  
disponíveis em audiolivro.